



Michel Platinir Silva Damasceno*
José Carlos Miranda Moura**

RESUMO

O desespero, segundo Anti-Climacus, fundamenta-se na síntese em que é composto o espírito. O si-mesmo é composto de uma relação consigo mesmo e dentro dessa relação encontra-se a tensão dialética entre os polos da finitude e infinitude, do temporal e eterno, da liberdade e necessidade, isto é, relações sintéticas inacabadas e desarticuladas. Assim sendo, a síntese necessita de um terceiro que a fundamente, e este terceiro na relação, segundo Johannes Climacus, é o Mestre, que é a dádiva e o *télos* do desequilíbrio da relação sintética. Para tal, o Mestre como é a verdade, e a condição para obtê-la, é a concreção motriz para a superação do desespero do Eu escravo da síntese inacabada.

Palavras-chave: Desespero. Fé. Mestre. Síntese. Si-mesmo.

The master as overcoming the despair of the *Self* in the first part of Soren Kierkegaard's *The Sickness of Death*

ABSTRACT

Despair, according to Anti-Climacus, is based on the synthesis in which the spirit is composed. The self is composed of a relationship that relates to itself and within this relationship lies the dialectical tension between the poles: finitude and infinity, temporal and eternal, freedom and necessity, that is, an unfinished synthetic relationship and disjointed. Therefore, the synthesis needs a third party to base it, and this third party in the relationship, according to Johannes Climacus, is the Master, who is the gift and the telos of the imbalance of the synthetic relationship. To this end, the Master, as the truth is, and the condition to obtain it, is the driving force for overcoming the despair of the Self, a slave to the unfinished synthesis.

Keywords: Despair. Faith. Teacher. Synthesis. Self.

* Doutorando em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Email: michelplatinir2017@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-5364-8513>.

**Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor de Filosofia da Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). E-mail: josecarlos.deusemais@outlook.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8510793770134355>.

O mestre como superação do desespero do Eu
na primeira parte de *A doença para a morte* de
Soren Kierkegaard

Introdução

Para o autor pseudônimo Anti-Climacus¹, o desespero deve ser entendido como uma doença do espírito, do Eu, da relação que se relaciona consigo mesma. Em *A doença para a morte*, Anti-Climacus apresenta três formas de desespero para o si-mesmo²: *o desespero em que não se tem consciência de ser um si-mesmo, ou de ter um Eu; o desespero de não querer ser si-mesmo e o desespero de querer ser si-mesmo a qualquer custo*. Mas o que é o Eu, ou si-mesmo? Segundo Anti-Climacus:

O ser humano é espírito. Mas o que é espírito? Espírito é o si-mesmo. Mas o que é si-mesmo? O si mesmo é uma relação que se relaciona consigo mesma, ou consiste no seguinte: que na relação a relação se relacione consigo mesmo; o si-mesmo não é a relação, mas que a relação se relacione consigo mesma. O ser humano é uma síntese de infinitude e finitude, do temporal e do eterno, de liberdade e de necessidade, em suma, uma síntese. Uma síntese é uma relação entre dois. Assim considerado o ser humano ainda não é um si-mesmo. Na relação entre dois à relação é o terceiro como unidade negativa, e os dois se relacionam com a relação e na relação se relacionam com a relação; assim sob a determinação de alma, a relação entre alma e corpo é uma relação (KIERKEGAARD, 2022, p. 43).

O si-mesmo é uma relação sintética entre dois polos, isto é, uma relação inacabada que se relaciona consigo mesmo. A síntese que compõe o si-mesmo encontra-se desarticulada, necessitando de um terceiro para que, então, a plena a relação da síntese seja composta. Segundo Oliveira (2018, p. 42), “o si-mesmo passa por um processo de constituição, à medida que a relação realizada por ele próprio com o auxílio de Deus vai sendo estabelecida”. Para Anti-Climacus, a pessoa nasce

¹ “Johannes Clímacus e Anti-Clímacus têm várias coisas em comum, mas a diferença é que, enquanto Johannes Clímacus se coloca tão baixo que chega a dizer que não é cristão, podemos detectar em Anti-Clímacus que ele considera a si mesmo como um cristão num grau extraordinariamente alto... eu mesmo me colocaria acima de Johannes Clímacus, abaixo de Anti-Clímacus” (KIERKEGAARD, 1967-1978, vol. VI, p. 6433). Conforme já notamos, juntamente com a Doença mortal (1849), o Exercício do cristianismo é de autoria do pseudônimo Anti-Clímacus. Essas obras ocupam uma posição estratégica no corpus Kierkegaardiano, em oposição ao cético Clímacus – o pseudônimo (autor) das Migalhas filosóficas, Post-scriptum e Johannes Clímacus. Na soma e no contraste desses dois pseudônimos é que se pode observar um pouco melhor o cristianismo em Kierkegaard. Além disso, esses pseudônimos preparam o terreno para a polêmica Kierkegaardiana com o bispo Mynster e para a luta contra a igreja estatal em Instante, obra assinada pelo próprio filósofo e inacabada pelo fato do autor morrer em meio à polêmica.

² Si-mesmo, quando escrito dessa forma, traduz o substantivo dinamarquês *Selv* (traduzido por *self*, em inglês, *Selbest*, em Alemão, *il sé*, em italiano, e *moi* em francês), como em *et Selv* (um si-mesmo) e *Selvet* (o si-mesmo). Quando *Selv* aparece na forma não substanciada, como por ex., em *til sig selv* (para si mesmo), o termo é traduzido sem hífen.

ser humano, mas não um si-mesmo. Segundo Roos (2019, p. 132), na obra *Tornar-se cristão: Paradoxo e existência em Kierkegaard*:

O ser humano envolve um processo de tornar-se. O tornar-se, entretanto, não se desenvolve num vácuo, fora da relação. A existência em Kierkegaard é uma tarefa, em dinamarquês “*opgave*”. Entretanto, a tarefa que é a existência pressupõe uma dádiva, em dinamarquês, *gave*. [...] a ênfase no aspecto existencial, por assim dizer, implica que a dádiva gera em si uma tarefa e um processo de tornar-se que não está dado. A dádiva da criação e a tarefa da existência estão em Kierkegaard, implicadas uma na outra.

O si-mesmo caminha dialeticamente numa relação consigo mesmo. Para tal, o Eu é fundamentado por uma dependência mútua entre os polos da síntese. A relação é intrinsecamente preponderante ao Eu que se relaciona. Os polos da síntese que constituem o si-mesmo são criação do *Totalmente outro*³. Segundo Roos (2019, p. 133), “o si-mesmo, propriamente, no seu processo de tornar-se, pressupõe esta dádiva divina por um lado, e por outro, tem Deus como *télos*, na medida em que somente no relacionamento com Deus pela fé, o ser humano pode efetivamente tornar-se um si-mesmo”. O si-mesmo é uma relação intra polar desarticulada, tendo em Deus a dádiva e o fim do desequilíbrio da relação consigo mesma por meio da fé, para assim tornar-se um si-mesmo articulado.

Segundo Anti-Climacus (2022, p. 44), “tal relação que se relaciona a si mesma, um si-mesmo, deve, ou ter estabelecido a si mesmo, ou ter sido estabelecido por outro”. Para tanto, a síntese, a princípio, é uma relação de interdependência dos polos que a constituem. Todavia, o relacionamento sintético entre os polos será incapaz por si mesmo de ser si-mesmo devido à necessidade de um terceiro, o Absoluto, para estabelecer a relação até então desequilibrada. Doravante, querer ser si-mesmo pelas próprias forças é um tipo de desespero. Segundo Anti-Climacus (2022, p. 44), “tal relação derivada, estabelecida, é o si-mesmo do humano, uma relação que se relaciona a si mesma, e no relacionar-se a si mesma se relaciona a outro”. Em outras palavras, o si-mesmo é uma relação dialética que se relaciona consigo mesma e com o terceiro que a estabeleceu, ou seja, o Absoluto. Diante disso, para Anti-Climacus, pode haver duas formas para o desespero propriamente dito:

³ Uma releitura da *coisa-em-si* de Kant, e da categoria de numinoso de Rudolf Otto. Em Karl Barth, o Totalmente ganha uma interpretação de cunho cristológico, isto é, o Totalmente outro é inefável para a razão humana, cabendo à fé paradoxal o movimento de compreensão.

Se o si-mesmo do humano tivesse estabelecido a si mesmo, poder-se-ia então falar de apenas uma forma, a de *não querer ser si mesmo*, de querer livrar-se de ser si mesmo, mas não se poderia falar de desesperadamente querer ser si mesmo. Esta segunda fórmula é precisamente a expressão da dependência de toda a relação (do si-mesmo), a expressão de que o si-mesmo não consegue chegar a ou estar em equilíbrio e tranquilidade por si mesmo, mas apenas no relacionar-se a si mesmo se relacionando ao que estabeleceu toda relação (2022, p. 41).

Se o si-mesmo *não quer ser si-mesmo*, o desespero surge lembrando que ele não poderá deixar de sê-lo. Já o desespero *de querer ser si-mesmo* a qualquer custo aceita a relação sintética dos extremos, sem aceitar um terceiro que fundamenta a relação, ou seja, Deus. O desespero *de querer ser si-mesmo* busca meios para fundamentar a relação inacabada da síntese, seja por meios religiosos ou racionais. O *querer ser si-mesmo* a qualquer custo traz desespero ao indivíduo, devido à necessidade de um terceiro (Deus) para equilibrar a relação desarticulada e tornar um si-mesmo. Nas palavras de Oliveira (2018, p. 43), “tornam-se claras a dependência do conjunto da relação que é o Eu, e a sua incapacidade de não conseguir, somente relacionando-se consigo mesmo, o equilíbrio. É necessário, *ipso facto*, relacionar-se com aquele que pôs o conjunto da criação”. Segundo Anti-Climacus (2022, p. 45),

A má relação do desespero não é uma simples má relação, mas uma má relação numa relação que se relaciona a si mesma e é estabelecida por outro, de modo que a má relação nessa relação que é para si também se reflete infinitamente na relação para com o poder que a estabeleceu.

Em outras palavras, o desespero do Eu se dá na relação desestruturada entre os polos da síntese, isto é, no momento em que a relação não estabelece um equilíbrio harmônico. Doravante, a má relação do si-mesmo gera um desespero que suprime a relação com aquele que constituiu a síntese, isto é, o Absoluto. Segundo Anti-Climacus, *querer ser si-mesmo a qualquer custo* é afirmar-se a si mesmo como idealizador da síntese, não o Absoluto que a compôs. *Não querer ser si-mesmo* é negar a causa constitutiva da relação, ou seja, Deus.

Possibilidade e realidade do desespero

Segundo Anti-Climacus (2022, p. 45):

O desespero é uma vantagem ou um defeito? De um ponto de vista puramente dialético ele é ambas as coisas. Se quiséssemos nos deter apenas na ideia abstrata do desespero, sem pensar em uma pessoa desesperada, então deveríamos dizer: ele se constitui numa imensa vantagem.

O desespero como conceito é uma vantagem, agora, como realidade, é uma miséria. Segundo Anti-Climacus (2022, p. 45), “a possibilidade dessa doença é a superioridade do ser humano em relação ao animal; estar atento a essa doença é a superioridade do cristão em relação ao ser humano natural; estar curado dessa doença é a bem-aventurança do cristão”. De outro modo, apenas o ser humano tem a possibilidade de se desesperar com a doença mortal, como também apenas ele, por meio do salto da fé, poderá superar aqueles que não sabem que estão em desespero. Climacus (2022, p. 45) afirma que “não estar desesperado, então significa precisamente estar desesperado”, ou seja, não estar desesperado significa abolir toda a possibilidade de se desesperar. Porém (2022, p. 45), “dizem os pensadores que a realidade é a possibilidade anulada, mas isso não é totalmente verdadeiro, ela é a possibilidade cumprida, atuante”.

Assim sendo, não estar desesperado na existência concreta é uma negação, uma possibilidade anulada. Ou seja, não se desesperar na concretude da existência é uma possibilidade⁴ impossível. Segundo Anti-Climacus (2022, p. 46), “o desespero é a má relação na relação de uma síntese que se relaciona consigo mesma. Mas a síntese não é a má relação, ela é apenas a possibilidade, ou, na síntese está à possibilidade da má relação”. O desespero é uma discordância dos opostos que constituem a síntese nas relações existenciais. O si-mesmo enquanto existência tem o seu modo de ser composto, isto é, ele é existência e possibilidade. Para tanto, não é a síntese em si mesma que produz a discordância, mas a possibilidade de o sujeito *querer ser si-mesmo* a qualquer custo e de *não querer ser si-mesmo*.

Em outras palavras, a tensão dialética se dá devido o si-mesmo ser uma síntese desarticulada que se desespera pelas possibilidades estéticas e éticas, eliminando,

⁴ A possibilidade é uma das categorias mais importante do corpo teórico Kierkegaardiano, principalmente em “*O conceito de angústia*”. Segundo Haufniensis (2013, p. 46), “assim como a relação da angústia com seu objeto, com algo que nada é, (a linguagem usual também diz concisamente: angústia-se por nada), é inteiramente ambígua”. Para o autor dinamarquês, a existência é possibilidade como ameaça do nada, portanto, a possibilidade como angústia. A angústia relaciona-se com o nada, com a ambiguidade. “O conceito de angústia” caracterizado como condição humana, puro sentimento do possível; e “O desespero humano” como a doença mortal (KIERKEGAARD, 2013, p. 31).

dessa forma, o encontro com o terceiro que a constitui. Doravante, o desespero é algo intrínseco ao si-mesmo, caso contrário, não seríamos uma síntese que se relaciona, e não teríamos como fundamento um terceiro (Deus) que a constitui, isto é, não seríamos um si-mesmo existencial. Segundo Climacus (2022, p. 46) “não, desesperar está no próprio ser humano; mais se ele não fosse à síntese, absolutamente não poderia desesperar-se, e se a síntese não saísse originalmente das mãos de Deus na correta relação, ele também não poderia desesperar”. Somos desesperados por sermos uma síntese dialética, e por sermos constituídos numa relação. Pergunta Anti-Climacus (2022, p. 47),

De onde vem então o desespero? Da relação, na qual a síntese se relaciona a si mesma, no instante em que Deus, que fez o ser humano para a relação, como que o solta de sua mão, quer dizer, quando a relação se relaciona consigo mesma. E nisso, no fato de a relação ser espírito, ser o si-mesmo, nisso está à responsabilidade sob a qual está todo desespero e o está a cada instante em que existe, por mais que, durante muito tempo e engenhosamente o desesperado se engane e engane os outros.

O terceiro, ou Deus, quando concebe o ser humano como síntese que se relaciona, deu-lhe o direito de saltar, de expressar sua vontade, o seu livre-arbítrio, diante das relações estabelecidas pela relação que se é. Deste modo, a relação entre os polos da síntese depende única e exclusivamente de si própria para estar *doente* ou *curada*. Como diz Climacus:

A razão disso é que desesperar é uma determinação do espírito, se relaciona ao eterno no ser humano. [...] E a relação para consigo mesmo é algo do qual o ser humano não pode livrar-se, assim como não pode livrar-se do seu si-mesmo, o que, de resto, é a mesma coisa, já que o si-mesmo, afinal de contas, é a relação para consigo mesmo.

O desespero é constitutivo do si-mesmo, ou seja, mazela que ultrapassa a doença física, pois se prende à parte eterna da síntese, a que se vincula ao eterno. Destarte, como o si-mesmo é uma síntese que se relaciona consigo mesmo, não pode deixar de ser si-mesmo, afinal de contas, o si-mesmo é uma relação em *devir*. Para Kierkegaard, em *Os Lírios do Campo e as Aves do Céu* (2022, p. 32):

Viver no incondicional, respirando só o incondicional, é impossível ao homem; seria como o peixe obrigado a viver no ar. Por outro lado, sem relacionar-se com o incondicional, o homem não vive no sentido mais profundo, mas abandona seu espírito, quer dizer, talvez siga vivendo, mas sem espírito.

Em outras palavras, é Deus quem fundamenta a relação com o espírito. Caso contrário, a vida seria um desespero incondicional.

Desespero é a doença para a morte

Segundo Anti-Climacus (2022, p. 48):

Literalmente significa uma doença cujo fim, cujo resultado, é a morte. O desespero não pode ser chamado de a doença para morte nesse sentido. Mas, entendido do ponto de vista cristão, a própria morte é uma passagem para a vida. Assim, do ponto de vista cristão, nenhuma doença terrena, corporal, é doença para a morte. Pois a morte é certamente o fim da doença, mas a morte não é o fim de tudo. Se se há de falar de uma doença para a morte no mais rigoroso sentido, tem de ser uma doença cujo fim último é a morte e em que a morte é o fim de tudo. E é isso certamente o desespero.

É preciso levar em consideração especial essa situação. Quando um sujeito está doente fisicamente, sofrendo, e em seguida morre, a morte parece ser o fim do sofrimento, o término de tudo, uma solução para o mal de que se padecia. No entanto, para o indivíduo cristão, a morte não é o fim, senão a passagem para a vida; logo, nenhum mal físico é considerado *doença mortal*. Já o desespero do Eu não é simplesmente um sofrimento fisiológico: é um sofrimento desesperador que leva à morte eterna. Parece paradoxal, mas a *doença mortal* é não poder morrer de modo algum. Segundo Climacus (2022, p. 49), “assim, estar doente para a morte é não poder morrer, porém, não como se houvesse esperança de vida, não, a desesperança é que não há nem mesmo a última esperança, a morte”. O desespero de não poder morrer arranca do indivíduo a possibilidade da morte temporal como fuga:

É nesse último sentido, então, que o desespero é a “doença para a morte”, essa torturante contradição, essa doença no si-mesmo, eternamente, morrer, e morrer e, contudo, não morrer, morrer a morte. Porque morrer significa que tudo acabou, mas morrer a morte significa vivenciar a morte; e se isso é vivenciado por um único momento, então, com isso, se vivencia para sempre. Se uma pessoa morresse de desespero assim como se morre de uma doença, o que há de eterno nela, o si-mesmo deveria poder morrer, no mesmo sentido em que o corpo morre da doença. Mas isso é impossível; O desesperado não pode morrer; assim como um punhal não pode matar pensamentos. Também o desespero, não pode consumir o eterno, o si-mesmo, que está como base para o desespero, cujo verme não morre, e cujo fogo não se apaga (2022, p. 49).

O desespero como a *doença mortal* possui uma finalidade: a destruição do si-mesmo, mas o si-mesmo, por sua vez, conforme Anti-Climacus, não pode morrer, por gozar de um caráter eterno. Portanto, um sujeito desesperado que chega ao ponto de suicidar-se, para livrar-se de ser si-mesmo, acreditando que essa fuga suicida seja a solução para o seu desespero, está enganado. Consequentemente, a morte do corpo não elimina o desespero, na medida em que o si-mesmo continuará desesperado durante toda eternidade. E, assim, o desespero é impotente por não atingir o seu real objetivo, que é a destruição da síntese, o suprimir da relação que compõe o si-mesmo.

Segundo Oliveira (2018, p. 46), “Essa doença mortal é uma afecção que se manifesta, alterando continuamente o equilíbrio do ‘eu’, de modo a fazer o homem tentar libertar-se da sua condição de ser temporal e eterno, no intuito de ser um ‘eu’ da sua própria invenção, isto é, imaginando ser outro para poder evadir-se”. A invenção de um Eu por parte do indivíduo representa uma poetização estética da realidade em que se encontra:

Mesmo aquilo que para eles é mais belo e adorável, a feminilidade na flor da idade, toda ela alegria, paz e harmonia, mesmo esta é desespero. É felicidade, sem dúvida, mas será a felicidade uma categoria do Espírito? De modo algum. E no seu fundo, até na sua mais secreta profundidade, também habita a angústia que é desespero e que só aspira a ocultar-se aí, pois não há lugar mais na predileção do desespero do que o mais íntimo e profundo da felicidade (KIERKEGAARD, 2010, p. 41).

Nas palavras de Anti-Climacus (2022, p. 50);

O homem que desespera tem um motivo de desespero, é o que se pensa durante um momento, e só um momento; porque logo surge o verdadeiro desespero, o verdadeiro rosto do desespero. Desesperando duma coisa, o homem desesperava de si, e logo em seguida quer libertar-se do seu eu. Assim, quando o ambicioso que diz ser César ou nada não consegue ser César, e se desespera. Mas isto tem outro sentido, é por não se ter tornado César que ele já não suporta ser ele próprio. No fundo, não é por não se ter tornado César que ele desespera, mas do eu que não deveio. Esse mesmo eu que de outro modo teria feito a sua alegria, alegria não menos desesperada, ei-lo agora mais insuportável do que tudo. A olhar as coisas mais de perto, não é o fato de não se ter tornado César que é insuportável, mas o eu que não se tornou César, ou, antes, o que ele não suporta é não poder libertar-se do seu eu. Tê-lo-ia podido, tornando-se César, mas tal não sucedeu, e o nosso desesperado tem de se sujeitar. Na sua essência, o seu desespero não varia, pois não possui o seu eu, não é ele próprio, ele não se teria tornado ele próprio, tornando-se César, é certo, mas ter-se-ia libertado do seu eu.

O si-mesmo está dialeticamente condenado a tornar-se um foragido, ou um condenado eterno por entregar-se. Essa atitude de lançar-se se expressa numa superficialidade ilusória para o Eu. Destarte, é justamente por essa incapacidade de não ser si-mesmo que o desesperado anula o que é refratário, indestrutível, ou seja, o Eu. Para Anti-Climacus, o desespero está instalado num eu condenado pela desesperança e pelo estado de condenação eterna⁵. Isto significa que nem a morte, a felicidade temporal e o gozo estético poderão eliminar o si-mesmo. Como um *ser-para-morte*⁶ lançado ao mundo, o que resta é a angústia e o desespero de um Eu existencial entregue às possibilidades de *querer ser e não querer ser si-mesmo*. Entretanto, o si-mesmo deseja a liberdade do Eu que se é para tornar-se um Eu inventado. Isto é, o *self* quer ser outro Eu, para então, superar o desespero, todavia, o “constrangimento de ser este eu que não quer ser é o seu suplício: não poder libertar-se de si próprio” (KIERKEGAARD, 2010, 34). Segundo Anti-Climacus (2022, p. 52):

Sócrates demonstrou a imortalidade da alma pelo fato de que a doença da alma (o pecado) não a consome assim como a doença do corpo consome o corpo. Assim também se pode demonstrar o eterno em um ser humano pelo fato de que o desespero não pode consumir o seu si-mesmo, que esse é justamente o tormento da contradição do desespero.

Em outras palavras, Sócrates, já havia eliminado a possibilidade da doença mortal (o pecado) suprimir o que é eterno no indivíduo, isto é, a alma. Assim sendo, em Kierkegaard, o desespero (pecado) *de querer* ou *não querer ser si-mesmo* não poderá extinguir o si-mesmo, mas angustiá-lo frente às possibilidades frívolas.

⁵ Segundo Anti-Climacus (2022, p. 52); “a eternidade, contudo, tornará manifesto que o seu estado era desespero e o cravará ao sei si-mesmo, de modo que o tormento permanecerá sendo o de não poder livrar-se de si mesmo, e se tornará manifesto que era uma ilusão que ele tivesse conseguido fazê-lo”.

⁶ Segundo Heidegger (2015, p. 328); “a exposição do ser-para-morte mediano na vida cotidiana orienta-se pelas estruturas da cotidianidade já explicitadas. No ser-para-a-morte, a presença relaciona-se com ela mesma enquanto um poder-ser privilegiado. Entretanto, o próprio da cotidianidade é o impessoal, constituído na interpretação publica expressa na falação [...]. A análise desse morre-se impessoal desvela, inequivocamente, o modo do ser-para-a-morte cotidiana. Numa fala, ele é compreendido como algo indeterminado, que deve surgir em algum lugar, mas que, numa primeira aproximação, para si mesmo, ainda não é simplesmente dado, não constituído, portanto, uma ameaça” (2015, p. 329). Heidegger argumentar que o Dasein é o ente que compreende o ser, não conceitualmente e abstratamente, mas existencialmente. Ou seja, a partir do momento em o Dasein, se compreende, ele compreende o ser. Somente o dasein pode compreender-se em sua existência, nas suas possibilidades de ser ou não ser um Eu.

O mestre como o instante de superação existencial do desespero humano

Daquilo que o mestre aqui pode vir a ser, para ele, a ocasião de lembrar-se, é de que ele é a não verdade. Mas com essa tomada de consciência o aprendiz é justamente excluído da verdade, mais do que quando ignorava ser a não verdade. Deste modo, portanto, o mestre, justamente ao recordá-lo, repele o aprendiz para longe de si, só que o aprendiz, ao voltar-se dessa maneira para dentro de si mesmo, não descobre que anteriormente conhecia a verdade, mas descobre sua não-verdade, um ato de consciência com referência ao qual vale o princípio socrático de que o mestre é apenas ocasião, seja ele que for, e mesmo que fosse um deus; pois minha própria não-verdade, não posso descobri-lo senão por mim mesmo, pois só quando eu a descubro é que ela está descoberta, e não antes, ainda que todo mundo a conhecesse (2008, p. 33).

No socratismo⁷ o mestre é a ocasião para o discípulo se recordar daquilo que já estava pressuposto dentro de si. Diante desse fato, há uma paixão na perspectiva socrática, referente à reminiscência de uma vida passada, com verdades eternas presentes no indivíduo, que precisam ser lembradas no tempo. Segundo Grammont (*in* KIERKEGAARD, 2003, p. 80):

Viver na lembrança é o modo mais perfeito de viver que se pode imaginar. A lembrança sacia mais do que toda realidade e possui uma serenidade que nenhuma realidade possui. Um acontecimento do qual nos lembramos já pertence à eternidade e não apresenta mais nenhum interesse temporal.

Todavia, na alternativa Climariana, o discípulo está na não verdade, sendo instigado pelo mestre a descobrir-se a partir da maiêutica socrática. Nesse sentido, trata-se de um ato da consciência em que o mestre é apenas uma ocasião, ou seja, apenas o indivíduo singular poderá descobrir a sua não-verdade. Para Climacus, nesse caso, o *instante* é decisivo, devido o mestre Ser a verdade e trazer a verdade, sendo a condição para que o discípulo a compreenda. Porém, a princípio, o discípulo irá descobrir-se como não-verdade, segundo Climacus: “se agora o aprendiz deve adquirir a verdade, então o mestre tem de trazê-la a ele, e não só isto, mas é preciso que lhe de juntamente a condição para compreender a condição, se não recairíamos no socrático” (2008, p. 33-34).

⁷ Segundo Roos, na obra: *Torna-se Cristão: paradoxo e existência em Kierkegaard*, não haveria mudança qualitativa no indivíduo pertencente ao estado socrático, percebe-se que, nessa compreensão, a rigor, não há a passagem de um estado a outro, não a um instante de mudança qualitativa, embora a verdade esteja esquecida, ela estava desde sempre no sujeito. Não há mudança qualitativa no sujeito cognoscente, “a mudança não diz respeito à verdade em si e sua posse, mas apenas à sua consciência e nesse sentido, não constituído uma mudança qualitativa” (2019, p. 84).

Em outras palavras, o mestre é o instante fenomenológico que, segundo Climacus, dá a condição para o aprendiz ser transformado, e não recriado, pois o ato de criar já foi estabelecido pelo deus que deu inteligibilidade para o discípulo compreender sua limitação:

Todo ensinamento repousa no fato de que a condição, em última análise, está presente; quando está falta, um mestre nada consegue; pois, caso contrário, seria necessário que o mestre não transformasse, mas recriasse o aprendiz, antes de começar a ensinar-lhe. Ora, isto nenhum homem consegue; caso isto deva suceder, é preciso que o próprio deus o faça. Na medida então em que o aprendiz existe, é evidente que foi criado, e nesta medida Deus deve ter-lhe dado à condição para compreender a verdade (pois caso contrário ele seria antes apenas um animal, e não se tornaria homem senão por este mestre que lhe daria a verdade, junto com a condição (KIERKEGAARD, 2008, p. 34).

Para Climacus, o *instante* fenomenológico é decisivo para o indivíduo devido a sua condição de não verdade ou de pecador. Diante desse fato, o discípulo que está na não verdade não compreende o *instante* que é a própria verdade, tornando-se culpado por estar fora da verdade por sua própria mácula. Ora, Climacus quer estabelecer o pecado como o motor que potencializa o homem para fora da verdade. Para tal, a existência do aprendiz já é um milagre existencial, mesmo sendo uma síntese desarticulada⁸, como bem exprimiu Anti-Climacus em *A doença para a morte*.

Como Deus não o criou na incompletude, ou seja, apenas existindo, mais deu-lhe condição epistemológica de compreender-se primeiramente como ser racional, para então descobrir-se como não verdade que necessita da verdade, e que só pode ser conhecida graças ao deus que dá a condição para o conhecimento dessa verdade, “mas na medida em que o instante deva ter uma importância decisiva (e se isto não for admitido, recairemos no socrático), o aprendiz tem de estar sem condições, portanto ter sido despojado” (KIERKEGAARD, 2008, p. 34).

⁸ O pseudônimo Kierkegaardiano Anti-Climacus (2022, p. 43) irá propor o ser humano como espírito, isto é, uma relação desarticulada por causa do pecado: “o ser humano é espírito. Mas o que é espírito? Espírito é o si-mesmo. Mas o que é si-mesmo? O si mesmo é uma relação que se relaciona consigo mesma, ou consiste no seguinte: que na relação a relação se relacione consigo mesmo; o si-mesmo não é a relação, mas que a relação se relacione consigo mesmo. O ser humano é uma síntese de infinitude e finitude, do temporal e do eterno, de liberdade e de necessidade, em suma, uma síntese. Uma síntese é uma relação entre dois. Assim considerado o ser humano ainda não é um si-mesmo. Na relação entre dois a relação é o terceiro como unidade negativa, e os dois se relacionam com a relação e na relação se relacionam com a relação; assim sob a determinação de alma, a relação entre alma e corpo é uma relação”.

Destarte, para que haja condição para o estabelecimento da verdade, não pode haver condição alguma no aprendiz, isto é, ele deve caminhar com o vazio a ser preenchido pela busca, todavia, “o discípulo não é nem mesmo o que ele procura, visto que ele está fora da verdade, ou melhor, ele é a não verdade” (PAULA, 2001, p. 66). O grande problema para o discípulo é a sua condição de não verdade, pois a não verdade é o elo que o distancia da verdade segundo Climacus: “a não verdade está, pois, não somente fora da verdade, mas polemiza contra a verdade, o que se exprime dizendo-se que o próprio aprendiz pôs fora e põe fora a condição” (KIERKEGAARD, 2008, p. 34-35). Em outras palavras, podemos ver a necessidade do mestre para o discípulo, isto é, o mestre é o instrumento fenomenológico-qualitativo que desperta no aprendiz sua consciência de não verdade, ou seja, “o mestre é necessário ao discípulo por causa disso, ou seja, para lembrá-lo de que ele é uma não verdade” (PAULA, 2001, p. 66).

Ora, é o mestre quem dá condição para o discípulo descobrir-se como não verdade, como também enquanto culpado. Em outros termos, justamente pelo fato de o aprendiz estar na condição de não verdade perante a verdade, “o discípulo perde sua condição por sua própria culpa, por estar, conforme a concepção kierkegardiana, em estado de pecado” (PAULA, 2001, p. 66). Nas palavras de Climacus, “o de ser a não verdade e de sê-lo por própria culpa, que nome podemos lhe dar? Chamemo-lo de pecado” (2008, p. 35). Doravante, o pecado é a marca que leva o aprendiz a ser necessitado de um deus que o torne um condicionado a possuir a verdade trazida pelo mestre numa liberalidade salvífica. “O mestre é então o deus que dá a condição e quem dá a verdade” (2008, p. 35).

O mestre tem uma representatividade dialético-fenomenológica frente ao mestre socrático-especulativo, que, nesse caso específico de *Migalhas Filosóficas*, terá um alcance sublime que perpassa o nível da intelectualidade e da reminiscência. Esse escândalo⁹ que perpassa até mesmo as lembranças socráticas é o paradoxo do deus-mestre, que contém quatro atributos em seu Ser: ele é *libertador, salvador, reconciliador e juiz*. Ora, esse Deus-mestre como *libertador* traz ao aprendiz a libertação da sua condição de não verdade:

⁹ Em *Práticas do Cristianismo*, o pseudônimo Anti-Climacus exprime o conceito de escândalo como “tão inseparável é a possibilidade de escândalo da fé, que, se o Deus-homem não fosse à possibilidade de escândalo, ele não poderia ser o objeto de fé também” (2021, p. 133).

Enquanto o aprendiz está na não-verdade, porém por causa dele mesmo (e de outro modo, afinal, ele não pode estar assim, como já vimos antes), poderia parecer que ele era livre; pois estar junto a si mesmo é justamente liberdade. E, no entanto, como se sabe, ele não é livre, está ligado, excluído, pois estar livre da verdade é justamente ser excluído, e ser excluído por si mesmo é justamente estar ligado (2008, p. 35).

A não verdade é um simulacro da verdade libertadora, ou seja, o aprendiz acha-se na posse da verdadeira liberdade por ser ele mesmo, e por suas próprias conquistas. Todavia, as conquistas o tornam escravo da sua própria liberdade, o levando ao afastamento da verdade trazida pelo deus-mestre. Doravante, o discípulo exclui-se justamente por ser ele mesmo um pecador, uma não verdade, como nos fala Gimenes de Paula (2001, p. 66), “o Deus-Mestre é libertador, visto que liberta aquele que era prisioneiro de si mesmo”. Esse libertador, esse Deus-mestre kierkegaardiano, “liberta aquele que se tinha aprisionado a si mesmo, e ninguém, em verdade, acha-se tão terrivelmente cativo, e de nenhum cativo é tão impossível evadir-se como daquele no qual o individuo mesmo se mantém” (2008, p. 37).

O deus-mestre não só é libertador, mas também salvador, “vamos chamá-lo de *salvador*, pois ele salva o aprendiz da não-liberdade, salva-o de si mesmo” (2008, p. 37). Todavia, a fenomenologia qualitativa do deus-mestre é quem liberta o discípulo da não verdade, o salvando da sua falsa liberdade, o reconciliando com a verdade, para enfim, ofertar a condição para o indivíduo até então culpado se encontrar com a verdade:

E, no entanto, ainda não se disse tudo, pois, como se sabe, pela não liberdade ele se tornara culpado de alguma coisa, e se aquele mestre lhe dá a condição e a verdade, então ele é justamente em reconciliador, que retira a cólera que paira sobre a culpa (2008, p. 37).

Existe algo peculiar ao atributo da reconciliação do deus-mestre, “ele é reconciliador, pois reconcilia o discípulo que se tornara culpado pelo uso da sua não liberdade, recebendo do mestre a condição para a obtenção da verdade, retirando assim a cólera suspensa sobre a culpa”. A reconciliação como um atributo divino é a manifestação da salvação e da liberdade dada pelo mestre na fenomenologia religiosa do escândalo ao sujeito em condição de pecador. Ou seja, a salvação da culpa se dá na reconciliação com a verdade. Segundo São Paulo (2 Coríntios 5.18-19):

Tudo isso provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, ou seja, que Deus em Cristo estava reconciliando o mundo, não levando em conta os pecados dos homens, e nos confiou a mensagem da reconciliação.

O Mestre como *instante* qualitativo é o meio de libertação, salvação e reconciliação da angústia existencial. Quando a eternidade toca no tempo, o *instante* consolida o deus-mestre como *Sotêr* para o discípulo que se encontrava na condição de não verdade. Em outras palavras, ser liberto de si mesmo é a abertura para o encontro com o *instante* eterno no tempo que é verdade e a condição para o encontro.

Referências

GRAMMONT, Guiomar de. **Don Juan, Fausto e o Judeu Errante em Kierkegaard**. Guiomar de Grammont. Petrópolis: Catedral das Letras, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante. 10. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária, São Francisco, 2015.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **A doença para a morte**. Tradução de Jonas Roos. Petrópolis: Vozes, 2022. (Coleção Pensamento Humano).

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **A prática do cristianismo: por anti-climacus nº I, II, III**. Tradução de Paulo Abe. Londrina: Livraria Família Cristã, 2021.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **Kierkegaard's Journals and Papers**. 6 vol. Bloomington: Indiana University Press, 1967-1978

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **O desespero humano**. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **Os lírios do campo e as aves do céu**. Tradução de Henri Nicolay Levinspuhl. S.L.: Edição do tradutor, 2022.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **Migalhas filosóficas ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus**. Tradução de Ernani Reichmann e Álvaro Valls. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. **O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário**. Tradução de Álvaro Luiz Valls. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013. (Coleção Pensamento Humano).

OLIVEIRA, Ranis Fonseca. **O desespero e a angústia na filosofia de Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Atsoc Editions, 2018.

PAULA, Marcio Gimenes de. **Socratismo e cristianismo em Kierkegaard: o escândalo e a loucura**. São Paulo: Anablume; Fapesp, 2001.

PAULA, Marcio Gimenes de. O uso da pseudônimia em Kierkegaard: um recorte explicativo. **Revista A Palo seco**, São Cristóvão, ano 2, n. 2, 2010, p. 41-47.

ROOS, Jonas. **Tornar-se cristão: paradoxo e existência em Kierkegaard**. São Paulo: Editora LiberArs, 2019.

Recebido em: 21/09/2024
Aprovado em: 16/10/2024